

Os picos de Pistorius: sucessos e reveses retratados nos media

Rui Alexandre Novais

Universidade do Porto/ Europe at World Centre- University of Liverpool

Tatiane Hilgemberg Figueiredo

Universidade do Porto

Resumo

O presente estudo tem como finalidade analisar a forma como os êxitos e os malogros dos desportistas com deficiência são retratados pelos *media*. Tomando por estudo de caso a tentativa de Óscar Pistorius de competir com atletas sem deficiência, analisa os enquadramentos adoptados pela imprensa generalista e desportiva portuguesa associados a momentos de sucesso e de revés do atleta sul-africano. Apesar do esforço selectivo dos *media* portugueses na escolha da terminologia adequada aos preceitos do desporto adaptado, é notório o contraste da cobertura em função da natureza dos episódios: exibir o talento e a capacidade de desafiar estereótipos e superar as limitações dos atletas (e das pessoas) com deficiência *versus* a perpetuação e reforço do estigma do “coitadinho”.

Introdução

Desde os seus primórdios que a sociedade tendeu a marginalizar e inabilitar as pessoas com deficiência apondo-lhes o estigma da diferença. Mesmo na actualidade, e apesar de vivermos numa sociedade dita inclusiva, o preconceito para com a pessoa com deficiência é ainda prevalecente. Todo o indivíduo que foge aos padrões de normalidade é considerado estigmatizado, sendo que tal como afirma Pontes (2007:02), o estigma não está nem no sujeito, nem na deficiência, mas nos “valores culturais estabelecidos pela sociedade que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalização, aferindo a estas determinados rótulos sociais”. Marques (2001a) refere que os estereótipos são aplicados às pessoas com deficiência, pois são socialmente tidas como incapazes e improdutivas, e biologicamente consideradas “anormais” (modelo médico).

No sentido contrário, uma das facetas que mais tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência e facilitado o processo de integração na sociedade, é fenómeno do desporto. Os êxitos alcançados nesse domínio, fizeram com que o desporto adaptado deixasse de ser meramente de cariz terapêutico, para se converter numa actividade de alto rendimento. Os Jogos Paraolímpicos assumiram-se

como corolário e expoente máximo do desporto adaptado com um número crescente tanto de países como de atletas participantes em cada edição.

Tais competições olímpicas adaptadas às pessoas com deficiência, até pela sua dimensão, têm conseqüentemente, vindo a merecer um incremento em termos da atenção mediática. Sendo inegável nesse respeito o contributo dos media para a divulgação e promoção dos eventos desportivos, transformando as grandes competições em verdadeiros espectáculos.

Na verdade os media desempenham um papel crucial na construção da realidade (Traquina, 2002) e constituem-se desde há algum tempo a esta parte como veículos privilegiados da formação da opinião pública no que concerne a assuntos relacionados com a sociedade em geral e com alguns grupos sociais, como o caso da população com deficiência. Não obstante o seu potencial, o histórico da actuação dos media em termos das representações e discursos adoptados referentes à pessoa com deficiência, porém, não raro apenas replica os preconceitos e estereótipos sociais. Referindo estudos anteriores sobre os efeitos da media na sociedade, Schantz e Gilbert (2001) concluíram que os meios de comunicação de massa influenciam, principalmente, reforçando normas e atitudes. Por seu turno, a coordenadora de comunicação do CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro), Gisliene Hesse, sustenta que a cobertura mediática “ainda privilegia muito a emoção nas matérias sobre atletas com deficiência e falta o jornalista entender que o esporte paraolímpico é de alto rendimento” (2004:04).

É nesse contexto que o presente estudo tem como finalidade analisar as relações entre os media e o desporto para, e com, pessoas com deficiência, tomando como estudo de caso a tentativa de qualificação do atleta paraolímpico Oscar Pistorius nas Olimpíadas de Pequim em 2008, conforme retratados por quatro destacados jornais portugueses: *Jornal de Notícias (JN)*, *Diário de Notícias (DN)*, *A Bola* e *O Jogo*. Esta investigação visa, por um lado, contribuir para um melhor entendimento da realidade do desporto para pessoas com deficiência, por observar de que forma a comunicação social contribui para a inclusão ou a exclusão e, por outro lado, demonstrar a importância da actuação do jornalista no processo de desmistificação de alguns arquétipos relacionados com a deficiência.

Os media, a deficiência e o desporto adaptado

Já em 1922 Walter Lippman referia que nossa relação com a realidade não se dá de maneira directa, mas sim mediada por imagens que formamos na nossa mente. Desta forma, numa sociedade urbana complexa como a actual temos a necessidade da mediação dos meios de comunicação, e o jornalismo, no seu percurso histórico, apresenta-se como reflexo, testemunha e agente da realidade. Em vista da capacidade de influenciar a proporção e a importância que um determinado assunto irá adquirir na opinião pública (*agenda-setting*), os media deveriam usar esse poder para transformar o desconhecido em familiar.

Nesse sentido, a evolução registada nas últimas décadas no que concerne à forma como os media retratam a pessoa com deficiência é incontestável. Se em 1970 se colocava a ênfase à questão da cura e a campanhas de caridade e a pessoa com deficiência era usada para dar maior dramatismo ao enredo nas séries de ficção, já na década seguinte o filme *Amargo Regresso*, assinalou um ponto de viragem mostrando a pessoa com deficiência como um ser tão humano como qualquer outro personagem (Merkx, 2007).

Posteriormente, a pessoa com deficiência passaria a ser apresentada com uma nova roupagem que correspondia a um novo estereótipo, a saber o de “super-herói. Tal estereótipo deixa a impressão de que a pessoa com deficiência para se ajustar terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heróico para compensar a sua limitação (Schell e Duncan, 1999). O modelo do super-herói viria reforçar as baixas expectativas da sociedade acerca das pessoas com deficiência (Hardin e Hardin, 2004), e enfatizar o esforço individual dessas pessoas para se adaptarem, como se ter uma deficiência fosse culpa das mesmas (Schantz e Gilbert, 2001). O que depreende deste discurso é que as pessoas sem deficiência, quando bem sucedidas nos seus empreendimentos, alcançariam o sucesso pelo talento ou pela inteligência; enquanto que aquelas que têm alguma deficiência o teriam feito pela necessidade de compensar o ‘mal’ que os aflige. No fundo ratifica-se o modelo médico (Brittain, 2004), que deixa implícita a ideia de que a pessoa com deficiência é “culpada” disso mesmo.

Uma análise abrangente da forma como a questão da deficiência é retratada pelos media, permite a categorização dos estudos mais recentes nesse domínio científico em quatro grupos: aqueles que tratam de estereótipos e preconceitos (Thomas e Smith,

2003; Schell e Duncan, 1999; Schell e Rodriguez, 2001; Kama, 2004); aqueles que tratam da terminologia utilizada pelos meios de comunicação (Brittain, 2004; Schant e Gilbert, 2001); aqueles que investigam os assuntos mais destacados (Hardin e Hardin, 2003; Thomas e Smith, 2003); e, por fim, aqueles que pesquisam quais os tipos de deficiência que merecem mais atenção (Auslander e Gold, 1999; Schell e Duncan, 1999; Schantz e Gilbert, 2001).

O presente trabalho pretende ser um contributo para a discussão em curso no âmbito dos estereótipos e preconceitos, bem como da terminologia utilizada na cobertura mediática de pessoas com deficiência no âmbito específico do desporto adaptado. E o desporto de alta competição é certamente um exemplo paradigmático de que ainda não é dado à pessoa com deficiência o devido valor pelos media.

O tratamento mediático dado ao paraolimpismo, confere ao desporto adaptado uma consideração social, que pode trazer prejuízos ou benefícios ao desenvolvimento do mesmo bem como à integração das populações com deficiência. (Auslander e Gold, 1999; Calvo, 2001). De acordo com Marques (2001a) as vezes o uso de certos termos, muito difundidos e aparentemente inocentes, reforça preconceitos. Daí que a análise de terminologias empregadas pelos meios de comunicação seja relevante, na medida em que “se a informação não é cuidada, acaba por reforçar estigmas e posturas preconceituosas transmitidas culturalmente, que podem significar, no mínimo, um empecilho à evolução e ao desenvolvimento social” (BRASIL/CORDE 1994:7). Paralelamente, a abordagem e a terminologia utilizadas pelos media segundo o mesmo autor reflecte-se “na interpretação da sociedade sobre os principais temas de interesse colectivo” (Brasil/Corde 1994:7).

Antes de considerar se os media portugueses reforçam as atitudes negativas e os estereótipos prevaletentes relativamente às pessoas com deficiência no âmbito do desporto adaptado, convirá elucidar acerca do estudo de caso bem como das hipóteses de investigação formuladas e os métodos de investigação adoptados.

Estudo de caso, hipóteses e métodos de investigação

Sul-africano, da capital administrativa da África do Sul, Oscar Pistorius nasceu no dia 22 de Novembro de 1986 com uma malformação congénita bilateral, nas partes

distais dos membros inferiores, denominada hemimelia fibular. A malformação fez com que, aos 11 meses de idade, Pistorius tivesse as pernas amputadas logo abaixo do joelho. Foi jogador de ténis de campo, pólo aquático e rúgubi. Em Janeiro de 2004, aconselhado pelos médicos devido a uma lesão no joelho direito, mudou dos campos de rúgubi para as pistas de atletismo. Oito meses depois, participou dos Jogos Paraolímpicos de Atenas, conquistando a prata nos 100 metros e ouro nos 200 metros. Desde então, medalhas e recordes no atletismo têm sido frequentes na sua carreira inclusive sendo o detentor actual do recorde paraolímpico em todas as provas nas quais compete.

A convite da Associação Internacional da Federação de Atletismo (AIFA), em Julho de 2007, Pistorius participou no Meeting de Atletismo de Roma, Itália, sendo esta a primeira oportunidade de correr ao lado de atletas sem deficiência. No dia 13 de Julho, nesse Meeting, Pistorius acabou em 2º lugar na prova dos 400 metros. Inicia-se assim o sonho de Pistorius de participar de uma Olimpíada. No mesmo mês, a AIFA anuncia a decisão de realizar uma análise biomecânica das próteses Cheetah Flex Foot, da empresa Ossur, com propósito de avaliar a violação ou não, por parte de Pistorius, da regra 144.2 (e) do Livro de Regras da AIFA.¹²³

Os resultados obtidos demonstram para percorrer a mesma distância, na mesma velocidade que os outros atletas, Pistorius necessitaria de menos energia, sendo então que a prótese lhe daria vantagens em relação aos outros atletas. Em 14 de Janeiro de 2008, a AIFA, anuncia que Oscar Pistorius não está apto a correr em eventos para atletas sem deficiência. Pistorius apela da decisão à TAS/CAS (Tribunal Arbitral do Sport / Court of Arbitration for Sport), em Fevereiro de 2008, e em 16 de Maio do mesmo ano é “absolvido” pela TAS/CAS, que considerou as provas apresentadas pela AIFA como insuficientes para determinar a vantagem de Pistorius sobre os demais atletas. A última oportunidade de Pistorius para conseguir o índice olímpico foi no dia 16 de Julho de 2008, em Lucerna (Suíça), onde diminuiu em 11 centésimos sua marca pessoal deixando-a em 46s55, ainda assim aquém dos 45s95 necessários para sua participação nas Olimpíadas.

¹²³ “The specific rule introduced (...), relates to the use of “technical aids” during competition. This new rule prohibits:

(e) Use of any technical device that incorporates springs, wheels or any other element that provides the user with an advantage (...).”

Tomando por estudo de caso a tentativa de Oscar Pistorius de competir com atletas sem deficiência o presente trabalho tem como finalidade analisar a forma como os êxitos e os malogros dos desportistas com deficiência são retratados pelos media. Para tal, examina os enquadramentos e a terminologia adoptados pela imprensa generalista e desportiva portuguesa associados a momentos de sucesso e de revés do atleta sul-africano, conforme acima descritos. A questão de base da investigação prende-se com a tentativa de validar conforme verificado num estudo recente se, mesmo na actualidade, a “deficiência costuma ser apresentada nos veículos não especializados como incapacidade (...), enfatizando-se as limitações e omitindo-se as potencialidades” (Merckx 2007:7). Isto é, se a imprensa portuguesa tende a privilegiar o estereótipo do ‘super-herói’ ou o estigma do ‘coitadinho’. O primeiro, apesar de aparentemente positivo, reforça as baixas expectativas que a sociedade tem em relação às pessoas com deficiência, uma vez que os media utilizam primordialmente tal estereótipo no caso dos atletas com deficiência (Hardin e Hardin, 2004). O segundo, reside na ideia de que as pessoas com deficiência são vítimas, incapazes de fazer algo por elas mesmas, e que precisam de auxílio. Além disso, elas são vistas como inadequadas, incapazes de preencher as normas e expectativas culturais (Brittain, 2004).

Na prossecução da questão de base da investigação foram formuladas as seguintes hipóteses:

- 1) A imprensa portuguesa alternará a descrição de Óscar Pistorius entre o ‘coitadinho’ e super-herói de acordo com o contexto nos diferentes episódios.
- 2) A terminologia utilizada pela imprensa portuguesa confirma a conscientização e crescente sensibilidade da imprensa portuguesa relativamente aos atletas com deficiência

Definidos os objectivos e hipóteses da investigação, seguiu-se a selecção do *corpus* de estudo dedicado aos media portugueses. Mais concretamente, optou-se pela imprensa escrita pelo fato de ser de mais fácil manuseio e arquivamento e, à época, com um considerável grau de popularidade junto das audiências. Neste sentido, seleccionaram-se quatro periódicos diários: (i) dois periódicos diários generalistas e (ii) dois periódicos diários desportivos. A escolha foi baseada na conjugação de múltiplos critérios: a tiragem, o grau de reputação junto das audiências e sobretudo a diversidade

tanto a nível da tipologia de jornalismo praticado como a nível do impacto ou implantação distinta no âmbito regional e nacional. Assim sendo, a nossa escolha incidu sobre o *JN*, *DN*, *A Bola* e *O Jogo*.

Quanto ao período de análise, identificaram-se quatro principais momentos: Meeting de Roma (14 e 15 de Julho de 2007); anúncio da AIFA de que Oscar Pistorius não está apto a correr em eventos para atletas sem deficiência devido à violação da regra 144.2. do Livro de Regas 2008 (15 e 16 de Janeiro de 2008); a audiência do Tribunal (29 e 30 de Abril de 2008), e posterior resultado da apelação e “absolvição” de Oscar Pistorius pela TAS/CAS (16 e 17 de Maio de 2008); e por fim a derradeira tentativa de Pistorius em obter os mínimos olímpicos (20 e 21 de Julho de 2008). A amostra resultante deste universo temporal de análise é constituída por um total de 56 jornais, sendo que apenas 12 artigos foram encontrados sobre o estudo de caso em análise.

Após a recolha e a selecção do material, teve início o tratamento dos dados por meio da selecção de *clusters* de análise, tendo resultado nas seguintes cinco unidades na cobertura jornalística do caso Pistorius: ‘Categorização do Atleta Oscar Pistorius’; ‘Categorização da AIFA’; ‘Categorização do Fato’; ‘Tipificação de Pistorius’; e ‘Tipificação dos Atletas Envolvidos’. O primeiro item - *Categorização do Atleta Oscar Pistorius* – diz respeito à forma como os meios de comunicação representaram o atleta. Na *Categorização da AIFA* pretende-se analisar o modo como os media classificam essa entidade. Já no que concerne o terceiro item - *Categorização do Fato* – avalia-se a forma como a decisão de Pistorius em tentar uma vaga nas Olimpíadas de Pequim/08 é retratada e classificada na cobertura mediática. Por fim, nas últimas duas categoria - *Tipificação de Pistorius e dos Atletas Envolvidos* – são escrutinadas as terminologias¹²⁴ utilizadas pelos media para se referirem ao actor principal do estudo de caso bem como aos demais atletas com ou sem deficiência envolvidos indirectamente no caso. Paralelamente, quaisquer termos, expressões, metáforas, ironias e generalizações relativos a cada um desses itens de observação foram localizados e quantificados. Tal análise das terminologias empregadas pelos meios de comunicação permitem aferir tanto a formação e reflexão das atitudes públicas (Auslander e Gold, 1999) como identificar as enquadramentos ou molduras utilizados, o que de acordo com a definição de Robert Entman (2004:5) compreender a escolha selectiva de algumas das facetas dos

¹²⁴ Baseada no Guia *Reporting on Persons with Disability* do Comitê Paraolímpico Internacional, 2007.

acontecimentos e das ligações entre elas com o intuito de promover uma interpretação, avaliação e solução particulares sobre esses mesmos eventos.

Resultados

Os quatro jornais analisados publicaram um total de doze artigos no período de análise. Sendo que a maioria centrou-se em três momentos principais: 1) *Meeting* de Roma; 2) anúncio da AIFA de que Oscar Pistorius não está apto a correr em eventos para atletas sem deficiência; 3) Resultado da apelação e “absolvição” de Oscar Pistorius pela TAS/CAS. No entanto, só este último episódio é que assume um carácter consensual na imprensa portuguesa reunindo o pleno das opções editoriais dos jornais em análise. Curiosamente, a última tentativa de Pistorius de atingir os mínimos olímpicos, dois meses após a concessão da autorização para correr em eventos para atletas sem deficiência, não merece qualquer atenção mediática dos jornais portugueses mesmo constituindo um *follow up* natural e até o desfecho do folhetim.

Na análise preliminar dos resultados é igualmente interessante notar que apesar da proximidade do número de artigos presentes nos quatro jornais, sobressai contudo a atenção dedicada pela *A Bola* em claro contraste com *O Jogo* que fica aquém das expectativas, ao registar menos textos que os próprios jornais generalistas.

	Diário de Notícias	Jornal de Notícias	A Bola	O Jogo
14 de Julho – 2007	✓	✓	✓	X
15 de Julho – 2007	X	X	X	✓
15 de Janeiro -2008	✓	✓	✓	X
29 de Abril – 2008	X	X	✓	X
30 de Abril – 2008	X	X	X	X
16 de Maio – 2008	X	X	X	X
17 de Maio – 2008	✓	✓	✓	✓
20 de Julho – 2008	X	X	X	X
21 de Julho – 2008	X	X	X	X

Quadro 1: Presença ou ausência de artigos.

O primeiro item de observação analisado foi a *Categorização do Atleta Oscar Pistorius*, ou seja, a forma como os veículos representam o atleta. Durante o período observado, foram encontrados dois sub-itens de observação referentes à classificação do Pistorius pelos jornais: coitadinho; e super-herói. (Quadro 2).

	A Bola	O Jogo	DN	JN	Total
Coitadinho	<i>Zero</i>	1	1	3	5
Super-herói	1	<i>Zero</i>	4	2	7

Quadro 2: Estereótipos associados a Oscar Pistorius.

A primeira evidência que ressalta da análise dos resultados é a prevalência do estereótipo do super-herói na imprensa portuguesa (58%), ainda que não advinda da imprensa desportiva na qual se regista um empate técnico (50%). Na verdade, os diários desportivos colocam-se nos extremos do espectro, dado que enquanto *A Bola* opta pela ênfase no discurso que valida o estereótipo do ‘super-herói’, em detrimento do ‘coitadinho’, já no *O Jogo* verifica-se justamente o contrário. Nos diários generalistas, há uma tendência semelhante respectivamente entre o *DN* e o *JN*, sendo notório que é neste tipo de imprensa onde os estereótipos são mais frequentes (83%)

Ao analisar-se a actuação dos media no sistema de representações e discursos referentes ao deficiente, estes encontram-se permeados por subjetividades e, por vezes, reforçando preconceitos e estereótipos. Percebemos que quando apenas a deficiência está em evidência o indivíduo é visto como ‘coitadinho’, mas ao se transformar em atleta de alto nível, recordista mundial, medalhista paraolímpico, o portador de deficiência é o herói, que superou suas próprias dificuldades e transcende a capacidade humano. Dois exemplos ilustram a afirmação, no jornal *O Jogo* de 15 de Janeiro de 2008, apresenta o estereótipo do coitadinho ao afirmar que “(...) o atleta não pode competir nos Jogos Olímpicos devido às suas amputações”; já na edição de 17 de Maio 2008 do *Diário de Notícias* encontramos o estereótipo do super-herói, “Oscar Pistorius ganhou a luta para competir nos Jogos Olímpicos (...)”.

Um outro aspecto analisado neste estudo por meio do qual os meios de comunicação poderiam ou não reforçar os estereótipos relacionados a Pistorius foi o da **Categorização da AIFA**. Os termos ou expressões utilizados pelos jornais para evidenciar a acção da AIFA foram agrupados em “AIFA como entidade reguladora” e “AIFA causadora do Mal a Pistorius” (Quadro 3). Termos como ‘considera’, ‘autoriza’, ‘justifica’, ‘recusa’, ‘nega’, ‘aceita’, ‘conclui’, foram considerados como habitualmente utilizados pelos meios de comunicação ao se referirem a entidades reguladoras. Assim como ‘veta’, ‘mostrou reticente’, ‘impede’, ‘não quer’, ‘ironiza’, ‘proíbe’, ‘desconfia’, ‘impossibilita’, ‘batota’, foram consideradas como pejorativas’, tendo em conta o contexto em que estavam inseridas.

	A Bola	O Jogo	DN	JN	Total
Entidade reguladora	6	1	2	3	12
Causadora do Mal a Pistorius	3	3	3	3	12

Quadro 3 Classificação da Federação Internacional de Atletismo.

Tais resultados evidenciam que, no total, existe um equilíbrio entre as subcategorias, ainda que apenas o *JN* seja o retrato fiel dos resultados totais. Novamente, também neste domínio analítico contraste entre os diários desportivos é notório sobretudo no destaque conferido ao papel da entidade reguladora pela A Bola. Assumindo que a caracterização da AIFA como entidade reguladora respeita os standards jornalísticos da objectividade, o que fica patente é o reforço no estereótipo de super-herói do atleta que tem que lutar contra a AIFA, que o impede de participar dos Jogos Olímpicos.

Outro item que auxilia a reforçar os estereótipos é a **Categorização do Facto**. A maneira como foi enquadrado esse item de observação é relevante, pois aponta diferentes versões da decisão de Pistorius em tentar vaga nas Olimpíadas de Pequim/08. (Quadro 4). Seria de se esperar que os jornais apresentassem enquadramentos semelhantes, já que os actores e o facto noticioso de base são os mesmos. Contudo, não foi o que ocorreu, revelando enquadramentos diferenciados do facto noticioso.

	A Bola	O Jogo	DN	JN	Total
Sonho	3	2	1	1	7
Desejo	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	3	<i>Zero</i>	3
Oportunidade	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	2	1	3
Pretensão	1	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1
Objetivo	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1	<i>Zero</i>	1

Quadro 4: Classificação do fato.

A frequência com que o fato é classificado como um ‘sonho’ para o atleta (47%) demonstra a diferenciação entre Olimpíadas e Paraolimpíadas, promovida tanto pelos meios de comunicação como pelo próprio atleta nas suas declarações. A participação nos Jogos Olímpicos, pode conferir a um atleta o estatuto de um quase deus. Além disso, atletas que realizam performances acima da média durante a competição constituem-se verdadeiros deuses do Olimpo, ídolos e heróis venerados.

As sub-categorias ‘desejo’(20%) e ‘objetivo’ (6,5%), são termos considerados neutros por significarem a vontade e a decisão do atleta. A presença significativa destas categorias confirma o ideal de neutralidade subjacente à prática jornalística. Por fim, ‘pretensão’(6,5%) e ‘oportunidade’(20%) – que significam respectivamente, um desejo ambicioso, porém exagerado, ou uma aspiração infundada, e ocasião que é favorável, que nos é ofertada - podem ser consideradas negativas, reforçando o estereótipo de coitadinho.

A abordagem e a terminologia utilizada pelos meios de comunicação de massa reflectem na interpretação da sociedade sobre os principais temas de interesse colectivo. Se a informação não é cuidada, acaba reforçando estigmas e posturas preconceituosas transmitidas culturalmente, que podem significar, no mínimo, um empecilho à evolução e ao desenvolvimento social. Por este motivo observamos a utilização de terminologia relacionada ao atleta Oscar Pistorius. (Quadro 5).

	A Bola	O Jogo	DN	JN	Total
Oscar Pistorius	21	10	15	15	61
Sul africano	2	2	6	9	19
Amputado	5	1	2	3	11
Atleta/Velocista	4	1	<i>Zero</i>	4	9
Recordista	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1	3	4
Atleta que corre com próteses	1	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	2	3
Blade Runner	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1	1	2
Atleta sem pernas	1	<i>Zero</i>	1	<i>Zero</i>	2
Atleta amputado das duas pernas que corre com próteses	1	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1	2
Atleta biônico	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1	<i>Zero</i>	1
Atleta mais rápido sem pernas	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1	<i>Zero</i>	1
Jovem	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1	<i>Zero</i>	1
Atleta paraolímpico	1	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1

Quadro 5: Terminologia associada ao atleta Oscar Pistorius.

Para facilitar o entendimento da terminologia, subdividimo-las em três sub-categorias: genéricos; adjectivação relacionada com a deficiência; adjectivação com outro foco que não a deficiência. (Quadro 6). Nos termos genéricos incluímos todos aqueles que classificam Pistorius, de acordo com seu nome, país de origem, actividade desportiva e idade; em adjectivação relacionada com a deficiência, consideramos todos os termos que estão relacionados com os membros amputados, ou com a prótese; e a adjectivação com outro foco que não a deficiência contém os termos não contemplados nas duas sub-categorias anteriores.

	Total
Genéricos	90
Adjetivação focando a deficiência	23
Adjetivação com outro foco	4

Quadro 6: Agrupamento das sub-categorias quanto à Tipificação de Pistorius

No novo quadro podemos notar que há maior quantidade de termos genéricos (77%), do que de termos relacionados à deficiência (20%). Tal fato pode ser revelador da exigência jornalística da neutralidade ou, em alternativa, pode indicar a existência de uma conscientização por parte de jornais e jornalistas de que a terminologia utilizada, relativamente às pessoas com deficiência, pode reflectir e influenciar as atitudes em torno das mesmas, criando e/ou perpetuando estereótipos. (Auslander e Gold, 1999). Mesmo assim, ainda é possível encontrar exemplos de terminologias menos adequadas, tais como, ‘atleta sem pernas’ e ‘amputado’. Apesar de estar a cair em desuso (Kama, 2004) a terminologia inadequada ainda faz parte das rotinas mediáticas, comprovando que o processo de assimilação por parte dos media tende a ser lento.

No sentido da sofisticação da análise, importará também analisar a utilização da terminologia ao referir-se aos demais atletas envolvidos indirectamente com o fato, designadamente, os adversários de Pistorius. (Quadro 7).

	A Bola	O Jogo	DN	JN	Total
Atletas ditos normais	1	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1
Atletas sem deficiência	4	<i>Zero</i>	1	<i>Zero</i>	5
Atletas com deficiência	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	1	<i>Zero</i>	1
Atletas com 2 pernas	<i>Zero</i>	2	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	2
Amputados	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	3	3
Atletas	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	2	<i>Zero</i>	2
Demais atletas	1	1	<i>Zero</i>	<i>Zero</i>	2

Quadro 7: Terminologia associada à Tipificação dos Atletas Envolvidos.

Os dados resultantes deste parâmetro de análise ratificam as informações anteriores. Palavras como amputados, atletas ditos normais e atletas com duas pernas (19%, 6% e 13% somando 38%), traduzem uma abordagem mais tradicional, dando maior ênfase no modelo médico (Auslander e Gold, 1999). A presença de atletas com e sem deficiência (31% e 6% respectivamente totalizando 37%), atenuam os resultados anteriores evidenciando um maior cuidado com a linguagem.

Conclusão

Retornando às hipóteses iniciais que dirigiram este trabalho, a primeira sobre a imprensa portuguesa alternar a descrição de Óscar Pistorius entre o ‘coitadinho’ e super-herói de acordo com o contexto nos diferentes episódios foi verificada. De uma forma geral, durante os períodos de análise, os estereótipos alternaram entre coitadinho e super-herói mas em grande parte a variação deveu-se às circunstâncias e natureza dos episódios. Coitadinho, nos momentos em que seu pedido de tentar obter os tempos mínimos para participar das Olimpíadas, foi recusado pela Federação Internacional de Atletismo; e no momentos em que mesmo autorizado não alcança seu objetivo. E super-herói, quando afirma sua intenção em participar dos Jogos, e quando recebe o aval do Tribunal Superior Arbitral.

Outros estudos já evidenciaram que a presença de ambos os estereótipos é frequente nos meios de comunicação. A cultura mediática ao abordar a pessoa com deficiência como ‘fato jornalístico’, geralmente opera com uma visão estereotipada e preconceituosa desses indivíduos, colocando-os, por vezes, em dois patamares opostos: ora são vistos como ‘inferiores’ e ‘incapazes’, ora são tidos como ‘super-heróis’. (Calvo, 2001).

Os meios de comunicação, quando retratam um acontecimento, não são somente reprodutores de informações, mas produtores de sentidos, já que os media caracterizam-se como lugar de construção simbólica dos acontecimentos. Nesta perspectiva, acrescenta-se que não há objetividade jornalística em absoluto, como pregam muitos autores, pois a produção de uma notícia é uma actividade simbólica, realizada por um indivíduo social, que mobiliza estratégias próprias para estabelecer seu modo de dizer e produzir sentidos. Vemos, então, a importância do jornalista no papel de desmistificador

da deficiência, já que ele tem “nas mãos” um forte instrumento no combate ao preconceito, podendo levar os cidadãos a adquirirem uma nova postura diante dos indivíduos portadores de deficiência.

Intimamente relacionada com a anterior, a segunda hipótese de que a terminologia utilizada pela imprensa portuguesa confirmaria a conscientização e crescente sensibilidade da imprensa portuguesa relativamente aos atletas com deficiência também foi confirmada. Estudos anteriores (Brittain 2004; Schantz e Gilbert, 2001; Kama, 2004) mostram que o recurso a terminologia cada vez mais adequada por parte dos media deve-se à maior conscientização dos jornais e jornalistas, sobre a importância que as palavras assumem na auto-percepção das pessoas com deficiência, bem como no que o público em geral acredita acerca das mesmas. Ao longo do tempo aconteceram mudanças, e os profissionais da comunicação parecem estar cada vez mais sensibilizados para estas questões, integrando pouco a pouco novos termos, menos pejorativos. Auslander e Gold (1999) verificaram que a terminologia relacionada às pessoas com deficiência física era mais cuidada, do que as utilizadas para se referir às pessoas com outros tipos de deficiência. Essa pode ser uma das explicações para o fenómeno observado no presente estudo. Apenas uma análise comparativa, no interior da cultura impressa portuguesa, poderia corroborar a conclusão de Auslander e Gold. Porém, muitas vezes, ainda se verifica nos meios de comunicação a co-existência de uma linguagem menos adequada, transformando a deficiência na razão de ser desses indivíduos. É esse o caso do presente estudo sobre o tratamento noticioso do folhetim Óscar Pistorius pela imprensa portuguesa. Apesar do esforço selectivo dos media portugueses na escolha da terminologia adequada aos preceitos do desporto adaptado, ainda há resquícios de termos menos próprios e ainda é notório o contraste da cobertura em função da natureza dos episódios: exibir o talento e a capacidade de desafiar estereótipos e superar as limitações dos atletas (e das pessoas) com deficiência versus a perpetuação e reforço do estigma do ‘coitadinho’. O ideal seria que ao invés do coitadinho ou do super-herói, os media retratassem o atleta de desporto adaptado como uma pessoa comum, com potencialidade de desenvolvimento e algumas dificuldades específicas, ou seja apenas um ser humano.

7 Referências

A IMPRENSA em forma para Atenas. *Brasil Paraolímpico*, Brasília, mar. 2004, n. 7, p.04-07. Ano VIII

AUSLANDER, Gail K.; GOLD, Nora (1999) Media reports on disability: a binational comparison of types and causes of disability as reported in major newspaper. *Disability and Rehabilitation*. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/096382899297404>. Acesso em 24 Mar. 2008.

BRITTAIN, Ian (2004). Perceptions of disability and their impact upon involvement in sport for people with disabilities at all levels. *Journal of Sports & Social Issues*, 28, 429-452.

CALVO, Ana Paula Soares. **Desporto para Deficientes e Media**. 2001. Dissertação (Mestrado em Atividade Física Adaptada)-Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal. 2001. 2004.

ENTMAN, Robert M.. **Projections of power**. Framing news, pulic opinion, and U.S. foreign policy. Chicago: The University of Chicago.

GALTUNG, J, RUGE, M. H. A estrutura do noticiário estrangeiro. In: Traquina, N.(org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993

HARDIN, Marie; HARDIN, Brent. The Supercrip in sport media: Wheelchais athletes discuss hegemony's disabled hero. *Sosol*, 7. 2004. Disponível em: <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v7il/v7il.html>>. Acesso em: 15 mar. 2008.

KAMA, A. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. *Communications*, 29, p. 447-466. 2004.

LIPPMAN, Walter. **Public Opinion**. Nova York: The Free Press. 1922.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. **Portadores de Deficiência: a questão da inclusão social**. São Paulo, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2007.

MARQUES, Carlos Alberto. **A imagem da alteridade na mídia**. 2001. 248p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)-Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.2001a.

_____. Mídia e deficiência: a violência estampada nas páginas dos jornais. *Lumina: revista da Faculdade de Comunicação da UFJF, Juiz de Fora: Ed. UFJF*, v.4, n.2, p. 215-231, jul./dez. 2001b.

MERKX, Ângela da Costa Cruz Loures. **Mídia e Deficiência: Educação para a cidadania**.1998.Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/1998/gt13/GT1314.PDF> >. Acesso em: 20 mar. 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: O Espírito do Tempo**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Psicologia do Desporto**. Colab. De Claus Dieter Strobäus. Porto Alegre, Ed. Da Universidade, UFRGS, 1984. 204p.

PONTES, Beatriz; naujorks, Maria Inês; SHERER, Amanda. **Mídia Impressa, Discurso e Representação Social: A Constituição do sujeito deficiente**. Campo Grande/MS. 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/2001/np11/NP11PONTES.pdf> > Acesso em: 10 mar. 2007.

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. Na Ideal Misconstruted: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, 18, p. 69-94. 2001.

SEMINÁRIO sobre acessibilidade ao meio físico (6. :1994: Brasília) **Anais Brasília: CORDE**.1995.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quartely**, 16, p. 27-47. 1999.

SHELL, L.; RODRIGUEZ, S. Subverting bodies/ambivalent representations: media analysis of paralympian, Hope Lewellen. **Sociology of Sport Journal**, 18, p. 127-135. 2001.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. **Sport Education and Society**, 10, p. 49-67. 2003.

TRAQUINA, N. Jornalismo 2000. O estudo das notícias no fim do século XX. In: N. Traquina (ed.). **Revista de Comunicação e Linguagens – Jornalismo 2000**, p. 15-31. Lisboa: Relógio D'Água. 2000.